



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**PAPÉIS DE GÉNERO, SATISFAÇÃO  
CONJUGAL E INTIMIDADE DAS RELAÇÕES  
HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS**

RAQUEL FILIPA AUGUSTO BRITO

Orientadora da Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenadora do Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Clínica

2020

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **Agradecimentos**

Ao longo do meu percurso acadêmico existiram algumas pessoas que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que estes 5 anos e a realização desta dissertação fossem possíveis e se tornassem mais fáceis.

Em primeiro lugar, quero agradecer a todos os participantes, e sem esquecer aos responsáveis das várias instituições LGBT, pela sua amabilidade e disponibilidade por ajudarem e contribuírem, de forma tão livre, neste estudo.

De seguida, um obrigado especial às três pessoas mais importantes da minha vida:

Aos meus queridos pais, por tudo o que fazem por mim, por todo o apoio, por todo o amparo nos momentos de maior ansiedade, pela dedicação, pela força, pelo amor incondicional. Já sabem que sem vocês nada disto seria possível. A vocês, devo-vos isto e muito mais!

Ao meu namorado, pelo teu amor e pela tua amizade, pelas tuas palavras de encorajamento e por estares sempre do meu lado, por acreditares sempre em mim e nas minhas capacidades e reforçares em mim a ideia de que sou capaz. Tenho imensa sorte em ter-te na minha vida!

Quero agradecer também a todas as pessoas que conheci no ISPA, às amizades que fiz, às pessoas com que me cruzei e contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

À professora Maria Gouveia-Pereira, pelos seus conhecimentos e ensinamentos.

*A todos vocês,*

*Um verdadeiro OBRIGADA!*

## Resumo

A satisfação conjugal e a intimidade apesar de fortemente estudadas nas relações heterossexuais, nas relações homossexuais ainda existe alguma escassez nas análises para este tipo de conjugalidade. Por isso, torna-se importante compreender como estas duas variáveis se comportam em torno dos relacionamentos entre sujeitos do mesmo sexo e perceber se existem diferenças nas relações heterossexuais e homossexuais. Tendo em conta que as crenças nos papéis de género são acontecimentos que ocorrem, maioritariamente, nas relações heterossexuais pela sua visão mais tradicionalista de papéis de género, pretende-se entender que relação existe entre as crenças nos papéis de género e a satisfação conjugal e a intimidade, nas conjugalidades homossexuais e heterossexuais.

A amostra é composta por 202 participantes, 142 mulheres e 58 homens, com idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos, sendo que 104 são heterossexuais, 31 são gays, 27 são lésbicas e 40 são bissexuais. Aos participantes foi pedido que respondessem à Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género (Gender Roles Belief Scale) (Brown & Gladstone, 2012), à Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) (Narciso & Costa, 1996) e à Escala de Avaliação Pessoal de Intimidade em Relacionamentos (PAIR) (Schaefer & Olson, 1981).

A análise dos resultados demonstrou que as lésbicas são o grupo que exibem maiores níveis de satisfação conjugal e intimidade comparativamente aos gays e aos heterossexuais e que os homens assim como os homossexuais no geral são os que se mostram em maior desacordo com os papéis de género tradicionais.

**Palavras-chave:** satisfação conjugal, intimidade, papéis de género, homossexualidade, heterossexualidade.

## **Abstract**

Marital satisfaction and intimacy, although strongly studied in heterosexual relationships, in homosexual relationships there is still some scarcity in the analyses for this type of conjugality. Therefore, it is important to understand how these two variables behave around relationships between subjects of the same sex and to understand if there are differences in heterosexual and homosexual relationships. Considering that beliefs in gender roles are events that occur mainly in heterosexual relationships due to their more traditionalist view of gender roles, it is intended to understand what relationship exists between beliefs in gender roles and marital satisfaction and intimacy in homosexual and heterosexual conjugalities.

The sample consisted of 202 participants, 142 women and 58 men, aged between 18 and 67 years, 104 of which are heterosexual, 31 are gay, 27 are lesbians and 40 are bisexual. Participants were asked to respond to the Gender Roles Belief Scale (Brown & Gladstone, 2012), the Satisfaction Assessment Scale in Areas of Married Life (EASAVIC) (Narcissus & Costa, 1996) and the Personal Relationship Intimacy Assessment Scale (NIHL) (Schaefer & Olson, 1981).

The analysis of the results showed that lesbians are the group that exhibit higher levels of marital satisfaction and intimacy compared to gays and heterosexuals and that men as well as homosexuals in general are the ones who are most at odds with traditional gender roles.

**Key-words:** marital satisfaction, intimacy, gender roles, homosexuality, heterosexuality.

## Índice

Introdução.....	3
Conjugalidade homossexual e heterossexual .....	5
Satisfação Conjugal .....	7
Intimidade.....	9
Papéis de género nas relações homossexuais e heterossexuais .....	11
Objetivos e Hipóteses .....	15
Método .....	18
Participantes.....	18
Instrumentos.....	20
Procedimento .....	23
Resultados .....	24
Satisfação Conjugal e Intimidade do relacionamento .....	24
Diferenças em função do Sexo e da Orientação Sexual .....	26
Papéis de Género, Sexo e Orientação Sexual .....	27
Discussão.....	29
1. Relação entre Satisfação Conjugal e Intimidade.....	29
2. Diferenças na Satisfação Conjugal e Intimidade em função do sexo e orientação sexual .....	30
3. Diferenças na Crença nos Papeis de Género consoante o sexo e a orientação sexual .....	31
Considerações finais e Limitações.....	33
Referências .....	35
ANEXOS.....	41
Anexo A – Questionário Sócio-demográfico.....	42
Anexo B – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).....	44
Anexo C - Escala de Avaliação Pessoal de Intimidade em Relacionamentos (PAIR).....	47
Anexo D - Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género.....	50
Anexo E – Outputs dos efeitos de interação do género e orientação sexual na Satisfação Conjugal e Intimidade.....	52
Anexo F – Outputs dos efeitos principais ao nível do género na Satisfação Conjugal e Intimidade .....	54
Anexo G – Output do efeito de interação entre género e orientação sexual na Crença dos Papéis de Género.....	55

## Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra consoante o sexo e a orientação sexual .....	18
Tabela 2. Tipo de relacionamento amoroso .....	18
Tabela 3. Caracterização da quantidade de mulheres e homens homossexuais, heterossexuais e bissexuais.....	19
Tabela 4. Análise de Fidelidade da Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género .....	20
Tabela 5. Análise de Fidelidade das Dimensões do Instrumento EASAVIC.....	22
Tabela 6. Análise de Fidelidade das Dimensões do Instrumento PAIR .....	23
Tabela 7. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nos Heterossexuais .....	24
Tabela 8. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nos Gays.....	25
Tabela 9. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nas Lésbicas .....	25
Tabela 10. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nos Bissexuais .....	26
Tabela 11. Diferenças significativas na Satisfação Conjugal e Intimidade em função da orientação sexual dos participantes (Efeito principal da Orientação Sexual) .....	27
Tabela 12. Diferenças nas crenças nos papéis de género em função do sexo (Efeito principal do Sexo) e da orientação sexual dos participantes (Efeito principal da Orientação Sexual).....	28

## Introdução

De acordo com Machado (2007), é habitual os seres humanos sentirem a necessidade de estabelecer relações com o Outro. Esta necessidade aparece, precocemente, nas interações e relações estabelecidas na infância. Por esta razão, cada pessoa constitui a sua própria identidade com base nas relações que estabelece ao longo da vida (Comin & Santos, 2010). Estas relações poderão ser de qualquer essência e, por isso, um dos mais comuns tipos de relações que as pessoas desenvolvem diz respeito ao relacionamento amoroso.

Todos os seres humanos, independentemente da sua orientação sexual, procuram uma relação amorosa para as suas vidas. Os interesses comuns entre os membros do casal, os afetos e a confiança mútua estabelecida (Sampaio, 2012), como também o desejo de pertencer a outro alguém e da existência de um amor recíproco (Garbi, Cenci & Luz, 2015), são aspetos valorizados tanto nas relações heterossexuais como nas relações homossexuais. “A procura de felicidade, a procura de amor e a procura de satisfação” apresentam-se como características predominantes nos diversos tipos de conjugalidades (Comin & Santos, 2010). Assim sendo, a procura de uma relação romântica é “um processo que envolve expectativas de satisfação, bem-estar e felicidade” (Andrade et al., 2009). No seio das relações conjugais, aliada à satisfação conjugal encontra-se a intimidade, pois segundo Costa (2005), a intimidade é um elemento essencial para a satisfação com a relação.

O presente estudo debruçar-se-á em torno das relações homossexuais e heterossexuais, com o objetivo de tentar compreender de que modo os papéis de género poderão ter impacto na satisfação e na intimidade destes dois tipos de conjugalidade ou de que forma papéis de género, intimidade e satisfação conjugal se comportam em função das diferentes orientações sexuais.

Ao longo do tempo, as dinâmicas dos relacionamentos amorosos alteraram-se ao nível teórico, mas também ao nível prático. As mulheres começaram a exigir que as reconhecessem no que concerne à equidade e igualdade individual e na relação, considerando-se merecedoras desses aspetos. Nesta perspetiva, os papéis de género ou “sex roles”, são a principal ou mesmo a única característica que diverge entre a conjugalidade homossexual e a conjugalidade heterossexual (Spitalnick & McNair, 2005). Isto sucede porque nos relacionamentos heterossexuais existe um maior predomínio de estereótipos e papéis de género, comparativamente aos relacionamentos

entre pessoas do mesmo sexo. Nestes relacionamentos homossexuais, se os membros do casal perceberem que não existe equidade e/ou igualdade no seio conjugal, isso poderá fazer com que ocorra uma diminuição da satisfação conjugal e que, conseqüentemente, haja uma insuficiente intimidade (Peplau & Spalding, 2000), tendo em conta que a satisfação conjugal e a intimidade apresentam elevada correlação, no seio conjugal.

É em torno destas ideias que o objetivo deste estudo é compreender se o predomínio de crenças nos papéis de gênero nas relações amorosas provoca impacto em variáveis tão significativas para a conjugalidade, que é a satisfação conjugal e a intimidade.

## **Conjugalidade homossexual e heterossexual**

Dos variados tipos de relação, existe um no qual duas pessoas provindas de famílias distintas, compartilham vivências e um projeto de vida em comum: a conjugalidade (Féres Carneiro, 1998 in Oliveira, 2012).

Heilborn (2004) afirma que a conjugalidade é “uma relação social que condensa um estilo de vida, fundado numa dependência mútua e numa dada modalidade de arranjo cotidiano, mais do que propriamente doméstico”. Essa relação é gerida pela sexualidade. Para Scorsolini-Comin e Santos (2011), a conjugalidade ocorre pela união entre duas pessoas, que não precisa ser estabelecida propriamente com recurso a um contrato, bastando somente que exista um laço de afeto e intimidade entre os seus membros. Dessa forma, Lopes (2010) afirma que a conjugalidade contemporânea é construída com base numa exclusividade de afetos.

É possível a conjugalidade ser formada por múltiplas maneiras, não havendo um único tipo prevalente, isto porque, os relacionamentos têm sido construídos e transformados ao longo dos tempos. No final do século XVIII, o Romantismo torna-se o modelo de referência das práticas amorosas nos tempos modernos. Este modelo considera o sentimentalismo e a valorização da singularidade (Amorim & Stengel, 2014), como aspetos que fazem parte do relacionamento amoroso. Assim, a intimidade, a privacidade e o privilégio da escolha pessoal tornaram-se particularidades que interferem diretamente na formação de casais.

A heterossexualidade é e sempre foi considerada a orientação sexual mais dominante nos seres humanos (Alves, 2015), no entanto na década de 60, surge uma maior perceptibilidade de configurações amorosas opostas àquilo que era considerado “comum”, mais concretamente, as relações amorosas homossexuais. A conjugalidade homossexual concerne a relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo (Luz & Gonçalves, 2018), e segundo Mello (2005), as relações homossexuais incorrem em práticas sociais de vínculos emocionais entre pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade é a configuração considerada inteligível de se tornar possível e aceitável como a heterossexualidade, quer de um ponto de vista social, quer de um ponto de vista cultural. Em vista disso, as relações entre pessoas do mesmo sexo são consideradas pela sociedade como diferentes do contexto “heteronormativo” (Luz & Gonçalves, 2018). Este contexto heteronormativo refere-se a um conjunto de expectativas, valores e responsabilidades que fazem parte da heterossexualidade, a mesma considerada “o que é normal”. É, portanto,

a norma que faz com que os sujeitos se definam como heterossexuais, ou seja, sujeitos que se apaixonam por sujeitos do sexo oposto (Warner, 1991).

MacDonald (1998), sugere que nas relações entre pessoas do mesmo sexo não existem muitos modelos de referência, contrariamente ao que acontece com os relacionamentos heterossexuais, uma vez que os mesmos trazem consigo os modelos das suas famílias de origem. Assim, com poucos modelos em que se basear, as conjugalidades homossexuais criam as suas próprias práticas de relacionamento. No entanto, em certas circunstâncias, casais de pessoas do mesmo sexo apresentam dificuldades naturais da vida a dois, que estão maioritariamente associadas à orientação sexual e não à conjugalidade em si (Spitalnick & McNair, 2005). O que também nos explica a autora França (2004), quando revela que, por exemplo, os casais de lésbicas por terem poucos modelos que as ajudem a enfrentar dificuldades no relacionamento, sentem-se muitas vezes inseguras sobre o que constitui um casal de lésbicas dito “normal”, de forma adequada e satisfatória. Nos relacionamentos de homens gays existem problemas ligados à identidade de género, isto porque, os homens homossexuais crescem e desenvolvem-se numa sociedade heteronormativa, em que aprendem o seu papel de género e isso leva-os a comportarem-se como o “normal” do género masculino nas suas relações afetivas, ou seja, a serem os “maridos” (França, 2004).

A conjugalidade resulta de um vínculo que é desenvolvido entre duas pessoas que apresentam as suas próprias identidades, com experiências pessoais muito diferentes, que num certo momento, se cruzam numa vivência relacional que vai sendo construída e transformada ao longo do tempo (Comin & Santos, 2010). Cada conjugalidade, seja homossexual ou heterossexual, funciona de uma forma muito própria e particular, apresentando assim a sua individualidade peculiar. Deste modo, não se pode afirmar que existam diferenças ou semelhanças entre a conjugalidade homossexual e a conjugalidade heterossexual.

## Satisfação Conjugal

A relação conjugal apresenta-se como sendo um estado fulcral para que os sujeitos que fazem parte dela se demonstrem satisfeitos, física e psicologicamente, e com bemestar geral (Costa, 2005). Deste modo, a conjugalidade e a satisfação são mutuamente interdependentes (Perlin, 2006).

Para se definir satisfação conjugal existem inúmeras definições, no entanto, existe uma que é concordante entre todos os autores: “a satisfação conjugal corresponde a um sentimento subjetivo de felicidade e contentamento que é experimentado por uma pessoa quando avalia a sua relação íntima” (Belsky, 1990; Hendrick & Hendrick, 1997; Huston & Vangelisti, 1991 in Gomes, 2009). Narciso (2001) demonstra alguma concordância com a descrição anterior, quando afirma que a satisfação conjugal surge através de uma avaliação que cada sujeito faz, de forma individual e subjetiva, relativamente à sua relação amorosa. Para Nogren et al. (2004), a satisfação conjugal é produzida através da retribuição de desejos e necessidades, bem como o cumprimento daquilo que o/a parceiro/a espera. Por conseguinte, está relacionada com sensações de felicidade, agrado, alegria, companheirismo e intimidade (Olson & Stewart, 1991).” Narciso (1994/95) concorda com esta definição, mais precisamente, por afirmar que a satisfação conjugal ocorre quando os membros da relação se sentem felizes, com elevado bem-estar e demonstrando grande contentamento com a vida conjugal em geral e, por essa razão, torna-se uma condição crucial na conjugalidade. A satisfação conjugal é, fundamentalmente, formada por duas dimensões: o amor e o funcionamento do casal (Narciso & Costa, 1996). Outros termos utilizados que poderão designar satisfação conjugal incluem “Ajustamento Conjugal”, “Qualidade Conjugal” e “Sucesso Conjugal” (Hernandez & Soares, s.d.). No presente estudo será usada a expressão “Satisfação Conjugal”.

Segundo a análise de Kiecolt-Glase (2001, in Ribeiro, 2002) o relacionamento amoroso, quando repleto de grandes níveis de satisfação, é considerado o melhor lugar para satisfazer aspetos como a necessidade de afeto, as necessidades de lealdade e companhia e, também a necessidade de que os membros que constituem esse relacionamento sejam íntimos, quer a nível emocional, quer a nível sexual. “De acordo com Narciso (2001), existem variados outros aspetos que, fazendo parte do relacionamento amoroso, relacionam-se com a satisfação conjugal, ou seja, é essencial que existam em conjunto com a mesma, sendo eles o facto do casal apresentar bons níveis

de comunicação entre si, sexualidade, intimidade emocional e a capacidade de resolução de conflitos.

Por vezes, nas relações amorosas homossexuais, a satisfação das mesmas poderá ser comprometida, mais especificamente, a forma como o casal homossexual se relaciona. Muitas vezes, os casais homossexuais acabam por se sentirem inadequados e com enorme fragilidade nos seus relacionamentos (Costa & Nardi, 2015), devido ao facto de considerarem que a vivência da sua verdadeira sexualidade se torna inapropriada e bizarra, por esta ser construída numa sociedade “heteronormativa”, isto é, formada em maior escala por casais de sexos diferentes. No seguimento destas ideias, muitos autores consideram importante investigar como são estabelecidas as relações afetivas de pessoas homossexuais relativamente à satisfação conjugal (Scorsolini-Comin & Santos, 2010).

A satisfação conjugal, por ser um aspeto tão importante no seio das relações amorosas, poderá ser responsável pela continuidade ou término das mesmas (Hendrick & Adler, 1988). Deste modo, se os sujeitos são casados ou estão em união de facto ou se estão num namoro sério, sendo homossexuais ou heterossexuais, a existência de satisfação ou não no seio conjugal é igualmente importante. Nesta perspetiva, existem mesmo vários estudos que demonstram que tanto na conjugalidade homossexual (lésbicas e gays) como na conjugalidade heterossexual denota-se iguais níveis de estabilidade e satisfação com a relação.

Apesar da satisfação conjugal ser, maioritariamente, investigada no seio das relações heterossexuais, somente alguns estudos mais recentes passaram a analisar este campo nas relações amorosas homossexuais. Dos poucos estudos existentes, é possível constatar semelhanças entre os relacionamentos homossexuais e heterossexuais, mais concretamente, na questão da qualidade e satisfação das relações, afirmando que estas são similares nas determinadas conjugalidades (Kurdek, 2005; Roisman, Causell, Holanda, Fortuna e Elieff, 2008). Num estudo realizado com sujeitos em relacionamentos com cerca de 30 anos, 85% dos participantes demonstraram-se satisfeitos com a sua relação, não existindo diferenças entre heterossexuais e homossexuais (Mackey et al., 2004). Noutros estudos elaborados, verificou-se que os relacionamentos lésbicos demonstram ter maior satisfação conjugal comparativamente com relacionamentos heterossexuais (Balsam, Beauchaine, Rothblum & Solomon, 2008; Kurdek, 2003).

Nos relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo, maioritariamente, não existem barreiras jurídicas como o casamento, o que faz com que se estes tiverem de ser terminados, serão de uma forma considerada mais “simples”. Por isso, a ausência

destas barreiras, permitem a estabilidade dos relacionamentos, ou seja, os casais de gays ou de lésbicas não tendo estas barreiras no seio conjugal, apresentam mais facilidade em terminar as suas relações em momentos de crise ou de insatisfação relacional.

Neste sentido, considera-se que o fundamental para que exista satisfação conjugal em todas as relações amorosas, sejam elas homossexuais ou heterossexuais, é que os membros do casal expressem o seu afeto e amor entre si, que exista um grande sentido de justiça e a não presença constante de grandes conflitos (Zdaniuk & Smith, 2016).

## **Intimidade**

O termo intimidade provém do latim “intimus”, que corresponde “ao que se une estreitamente pelo que é mais profundo, intenso, essencial” (Pena-Marin, 1989 in Pérez & Estrada, 2006). Segundo Carvalho (1999), a intimidade tem que ver com o facto de o sujeito poder revelar a sua verdadeira personalidade para e com o seu cônjuge, as suas características e motivações, poder exprimir os seus sentimentos mais íntimos, sem segredos ou receios.

Em todos os relacionamentos interpessoais, a intimidade é considerada fundamental (Laurenceau, Pietromonaco & Barrett, 1998, isto porque, a existência da mesma nas relações implica “conhecer o Outro, mas igualmente conhecer-se a si próprio na presença do Outro” (Crespo, Narciso, Ribeiro & Costa, 2006). Nas relações amorosas com grandes níveis de intimidade, existem dois aspetos que são comuns entre todas elas, que são a “conexão e a proximidade”, desenvolvidas por meio da comunicação que se estabelece entre os membros do casal (Perlman & Fehr, 1987). Esta ideia é também defendida por Sternberg (1988), pois segundo o autor, a intimidade no seio conjugal desencadeia sensações de proximidade, conexão, afinidade e vínculo entre os cônjuges. Estes aspetos estão, igualmente, na base do amor entre o casal. Laurenceau, Pietromonaco & Barrett (1998), consideram que a intimidade é desenvolvida na relação amorosa por meio da autodivulgação. A autodivulgação diz respeito ao facto de os membros do casal comunicarem informações sobre si próprios um com o outro (Altman & Taylor, 1973 in Laurenceau, Pietromonaco & Barrett, 1998), estando relacionada com a validação pessoal, mais especificamente, com a aceitação das características, interesses e sentimentos de um dos membros do casal, provindas do seu parceiro. No seguimento destas ideias, pode concluir-se que a intimidade se refere a uma relação de cuidado, relacionada com o facto da pessoa poder revelar à outra aquilo que tem de mais secreto, sem correr o risco

de haver retaliações na relação amorosa. Este processo dinâmico de dar e receber (Reis & Patrick, 1996), em que o próprio divulga ao seu parceiro as suas informações pessoais, os seus pensamentos e sentimentos íntimos, permitirá não só a consciencialização das suas próprias opiniões e características, como também das eventuais diferenças e possíveis semelhanças entre os membros da relação amorosa (Bejar, 1989), ao qual resultará numa resposta do outro membro do casal, finalizando com a interpretação dessa resposta como uma resposta que valida e compreende o que o outro expressa (Reis & Patrick, 1996). Esta exposição de pensamentos e sentimentos poderá vir “acompanhada de outras emoções através da comunicação não-verbal, como a própria orientação sexual, o toque, a confinidade física, entre vários outros aspetos” (Reis & Shaver, 1988).

A intimidade é composta por vários elementos, segundo Burquette (1996), como o afeto, o amor, a comunicação não-verbal”, a confiança, a apreciação pessoal e, principalmente, a autorrevelação ou autodivulgação. Para além destas componentes, Narciso (2002) acrescenta mais dimensões à intimidade, tais como a partilha, o apoio emocional, a reciprocidade, a sexualidade e, por fim, a interdependência. Não apenas constituída por componentes ou dimensões, a intimidade também se estabelece em cinco níveis: ao nível emocional, referente aos sentimentos de afinidade; ao nível social, nomeadamente, as relações de amizade ou os momentos sociais dos membros do casal; ao nível sexual, ou seja, afetos presentes na sexualidade; ao nível intelectual, que tem que ver com o partilhamento de ideias e, por último, ao nível das experiências recreativas entre o casal (Schaefer & Olson, 1981).

A vida conjugal é uma possível maneira de vivenciar a intimidade tal qual como ela é na sua totalidade, e por isso, desempenha um papel crucial nas relações amorosas.” A intimidade poderá tornar-se uma riqueza no seio da relação conjugal, no entanto, também poderá ser um problema para o casal, se ambos não estiverem no mesmo nível de sintonia dessa realidade (Maquirriain, 1988).

A intimidade é um dos aspetos mais estudados na conjugalidade heterossexual (Lemieux & Hale, 2000; Prager & Buhrmester, 1998), mas também já têm sido elaborados estudos neste sentido nas relações entre pessoas do mesmo sexo (Eldridge & Gilbert, 1990; Mackey, Diemer & O’Brien, 2000). Deste modo, Kurdek (1998), constatou na sua análise que as lésbicas são quem apresenta maiores sentimentos de aproximação e afinidade entre si (i.e: intimidade emocional), comparativamente aos casais gays e aos casais heterossexuais. Schreurs (1994), descobriu igualmente que, o relacionamento entre duas mulheres é caracterizado por níveis mais elevados de intimidade no geral, do que os

relacionamentos de mulheres e homens heterossexuais. Nesta perspectiva, Connolly (2005), sugere que as conjugalidades lésbicas mais estáveis são formadas por uma forte intimidade psicológica/emocional e baseadas numa alta reciprocidade entre ambas. Mackey (2004), acredita que existem alguns aspetos que contribuem fortemente para uma intimidade inabalável no seio conjugal, entre eles destacam uma comunicação fortemente íntima e o mínimo de conflitos existentes entre os membros, tanto para casais heterossexuais como para casais homossexuais.

### **Papéis de Género nas relações heterossexuais e homossexuais**

Os papéis de género estão relacionados com as expectativas alusivas aos comportamentos que homens e mulheres deveriam ou devem ter na sociedade (Formiga & Camino, 2011), sendo um conjunto de crenças correspondentes às características de cada sexo, feminino ou masculino (William & Best, 1990). Estas ideias com base em estereótipos de género conduzem para atitudes e procedimentos sexistas que compreendem os papéis tradicionais de género nas relações amorosas.

Apesar de partilharem as mesmas alegrias e os mesmos géneros de problemas, como citam vários estudos, os casais de pessoas do mesmo sexo suportam mais adversidades nos seus relacionamentos quando comparados com os casais heterossexuais. Estas adversidades derivam não só, principalmente, da discriminação da sociedade, “mas também das consequências da socialização dos papéis de género nos gays e nas lésbicas” (McGoldrick, 1995). Estes impactos preconceituosos nas relações acontecem pela elevada crença que sempre se implementou de que o papel da mulher deve ser direcionado para que a mesma valorize o compromisso e intimidade das relações conjugais, ou seja, que se preste somente para transmitir afetos e para esconder qualquer competitividade ou agressividade. Ao invés dos homens, que sempre foram socializados para que se demonstrassem independentes, com elevado sentido de liderança, racionais, competitivos e assertivos (Jablonski, 1998). É este poder que o sexo masculino detém para a sociedade em geral, aliado às expectativas de que os homens devem ter mais domínio, que poderá ser a justificação por que os homens transportam esta autoridade para a relação conjugal (Felmlee, 1994). Neste sentido, a socialização de homens e mulheres provoca problemas conjugais em maior quantidade para as conjugalidades homossexuais, principalmente para os gays, por estes terem desenvolvido durante a sua vida inúmeros valores que correspondem à masculinidade considerada tradicional (George & Behrendt, 1998).

Logo, esta socialização de gêneros poderá afetar a relação amorosa homossexual, na medida em que resulta numa falta de relacionamentos “guias”, que poderão ser uma inspiração para gays e lésbicas. Esta falta de modelos de relações amorosas tem influência menos positiva na conjugalidade homossexual, assim sendo, os homossexuais criam as suas próprias condutas conjugais (França, 2004).

Desta forma, conforme demonstram Spitalnick & McNair (2005), a conjugalidade homossexual e a conjugalidade heterossexual diferem, sobretudo, num aspeto importante que é: papéis de género ou “sex roles”. As conjugalidades heterossexuais são, maioritariamente, mais motivadas pelos estereótipos e papéis de género, com um maior número de relatos do seu uso nas práticas conjugais, comparativamente aos relacionamentos de pessoas do mesmo sexo que os relatam de uma maneira mais imprecisa. Nas conjugalidades homossexuais, há uma maior tendência de os membros do casal não adotarem, nas suas dinâmicas conjugais, os papéis de género associados aos estereótipos tradicionais, dando sempre preferência a uma concordância de quais papéis a serem praticados entre os cônjuges (Cardell, Finn & Marecek, 1981). Partindo desta ideia, França (2004) defende que não é habitual homens gays comportarem-se como o “marido” (papel tradicional de género masculino) e o outro como a “mulher” (papel tradicional de género feminino).

O sexo feminino conforma-se mais aos comportamentos normativos, os considerados “tradicionais”. Este conformismo não se justifica, necessariamente, por terem internalizado as crenças acerca desses comportamentos, mas sim pelo poder que têm os grupos que compartilham essas crenças e que acabam por influenciar o comportamento das mulheres (Eagly, 1987). Nesta perspetiva, o sexo masculino acredita, mais do que o sexo feminino, que é fundamental para os homens possuírem traços ligados ao poder e à autoridade, ou seja, traços típicos da masculinidade e que as mulheres possuam traços femininos. O sexo feminino demonstra ser mais igualitário, acreditando que as mulheres detêm certas competências que possibilitem a separação dos papéis conjugais, porém, difícil uma total igualdade entre cônjuges (Poeschl & Silva, 2001), devido à tal conformidade dos comportamentos normativos, anteriormente referida.

Em virtude do não seguimento, das conjugalidades lésbicas e gays, dos modelos tradicionais relativamente aos papéis de género, tanto como as conjugalidades heterossexuais, quando em alguma relação amorosa homossexual está presente uma dinâmica conjugal considerada mais tradicional, isso terá impactos tanto para a intimidade do casal como, conseqüentemente, para a satisfação com a relação. Heller e

Wood (1998) realizaram um estudo que procurava compreender de que forma o género tem influência na perceção e na expressão de intimidade. Os resultados permitiram constatar que as mulheres manifestam maiores sentimentos relacionados à intimidade na sua relação amorosa, comparativamente aos seus parceiros, o que pode explicar o facto de as mulheres serem mais capazes de predizer de uma forma mais consistente e fácil as respostas dos seus parceiros. Larson, Hammond e Harper (1998), pretenderam compreender como é que o género e a igualdade/equidade se correlacionam no contexto conjugal. Os mesmos autores demonstram que, para o sexo feminino, para se estabeleça a intimidade no relacionamento, terão de estar presentes aspetos como a igualdade e a equidade entre os membros do casal. No mesmo estudo, concluiu-se ainda que, as diferenças de género constatadas partem da socialização de géneros ao nível da intimidade.

Relativamente a estas questões de desigualdade de poder, a própria natureza das relações entre pessoas do mesmo sexo pode vir a fazer com que ocorram comprometimentos na forma como os casais apresentam mecanismos para lidar com estes aspetos que possam existir no seio conjugal. A opressão e injustiça que, muitas vezes, as mulheres lésbicas e homens gays experienciam em vários contextos da vida, poderão permitir uma maior consciência das desigualdades existentes nas conjugalidades homossexuais, quando comparados aos casais heterossexuais (Blumstein & Schwartz, 1983; Dunne, 2000).

Num estudo de Kurdek (1995), quando se comparou os casais de mulheres lésbicas com os casais de homens gays, verificou-se que as mulheres lésbicas dão maior valor à intimidade quando questionadas sobre o que consideram fazer parte de um relacionamento “ideal”. Noutra pesquisa desenvolvida com 77 mulheres lésbicas, 97% das mesmas relatam que as suas parceiras devem estar “exatamente iguais”, no que diz respeito ao poder no seio conjugal (Caldwell & Peplau, 1984). Comparativamente a outros casais, os relacionamentos de mulheres lésbicas dispõem de uma maior igualdade de poder do que os casais de homens gays (Kurdek, 2003) e até mesmo, dos casais heterossexuais (Kurdek, 1998). Neste sentido, quando sucedem perceções de que há um certo desequilíbrio de poder na relação amorosa, o membro do casal considerado com mais poder, é considerado também o menos envolvido e comprometido com o relacionamento.

Outro aspeto que se mostra saliente nos papéis tradicionais de género é a questão da “divisão do trabalho”. Nas conjugalidades heterossexuais, o trabalho divide-se

consoante o sexo, ou seja, nestes casais é esperado que a mulher seja a responsável pelo trabalho doméstico enquanto que o homem mantenha a sua função pelo trabalho remunerado (Coltrane, 2000). Contrariamente a estes casais, gays e lésbicas não consideram a diferença de sexos como um paradigma para assumir funções na relação, mas sim acreditam que poderão fazê-lo ao igualar tarefas e compromissos entre os membros do casal. Num estudo realizado nesta perspetiva, tirou-se conclusões de que os casais de pessoas do mesmo sexo, mais propriamente as lésbicas, compartilham as suas tarefas domésticas, mais do que os casais heterossexuais (Balsam et al., 2008; Kurdek, 1993; A. K. Matthews et al., 2003; Solomon, Rothblum & Balsam, 2004; Solomon et al., 2005). Em alguns estudos elaborados por Kurdek (1993), verificou-se que, numa dinâmica menos tradicional, os gays especializam-se em tarefas específicas, enquanto que as lésbicas compartilham as mesmas tarefas domésticas. Kurdek (2007), noutro estudo que elaborou, constatou que a satisfação com a divisão do trabalho relaciona-se com a própria satisfação com a relação, de modo que os sujeitos que se consideram pouco satisfeitos com os papéis de género concebidos na relação, apresentam-se também insatisfeitos com o relacionamento em si, logo com uma baixa satisfação conjugal. A maioria dos casais, sejam eles homossexuais ou heterossexuais, têm preferência por um relacionamento igualitário, em todos os sentidos (Thornton & Young-DeMarco, 2001).

Deste modo, os papéis de género são capazes de influenciar, negativamente, todos os tipos de conjugalidades. Segundo Yela (1998), sujeitos que apresentem características mais rígidas (femininas ou masculinas) em relação à socialização de poder, demonstram uma maior tendência em possuir problemas nas relações, o que resulta numa menor satisfação conjugal. E por isso, o facto dos homens se conformarem com as normas tradicionais relaciona-se, de forma negativa, aos níveis de satisfação dos homens assim como à forma como as mulheres avaliam os seus parceiros (Hernandez & Soares, s.d.).

## Objetivos e Hipóteses

A presente investigação pretende estudar as relações conjugais, mais especificamente, relações de sujeitos heterossexuais e sujeitos homossexuais. O principal objetivo consiste em analisar a satisfação conjugal e a intimidade na conjugalidade dos dois grupos (heterossexuais e homossexuais) e verificar como a crença nos papéis de género se comportam em função do sexo e da orientação sexual dos participantes. Contudo, todos os estudos encontrados que abordam a satisfação conjugal e a intimidade recaem, sobretudo na heterossexualidade, existindo poucos que se debrucem sobre a conjugalidade homossexual. Assim sendo, este estudo focar-se-á não só na conjugalidade heterossexual como na conjugalidade homossexual, juntando-as na mesma análise para, de certa forma, entender que diferenças ou semelhanças existem entre as mesmas, relativamente à satisfação com a relação, à intimidade e às crenças nos papéis tradicionais de género de cada uma.

Os objetivos primordiais desta investigação são:

- 1) Analisar a relação das dimensões amor e funcionamento conjugal (satisfação conjugal) com as dimensões validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior (intimidade).
- 2) Analisar as diferenças das dimensões da satisfação conjugal e das dimensões da intimidade consoante a orientação sexual, ou seja, entre heterossexuais, gays, lésbicas e bissexuais e consoante o sexo, feminino e masculino.
- 3) Analisar as diferenças existentes nas crenças dos papéis de género em homens e mulheres e em heterossexuais, homossexuais (gays e lésbicas) e bissexuais.

A formação de relacionamentos íntimos é fundamental para o bem-estar pessoal (Katz & Joiner, 2002 in Kunaszuk, 2009) e influencia positivamente a satisfação conjugal. Inúmeros estudos demonstram correlações positivas entre a intimidade e satisfação conjugal (Barnes & Sternberg, 1997 in Cordova et al., 2005). Desta forma, a intimidade caracteriza-se como sendo a estrutura que sustenta as relações amorosas (Costa, 2010) tendo, principalmente, o papel de manter e aprimorar os relacionamentos conjugais (O'Brien & Peyton, 2002 in Kunaszuk, 2009). Nesta perspetiva, autores como Larson, Hammond e Harper (1998), sugerem mesmo que se não existir intimidade no seio

conjugal, não será possível a criação de laços de confiança na relação e, por isso, a mesma não será bem-sucedida (Gomes, 2011). Posto isto, formula-se a **primeira hipótese** deste estudo: as dimensões da intimidade estão positivamente correlacionadas com as dimensões da satisfação conjugal, tanto para sujeitos heterossexuais como para sujeitos homossexuais. Pretende-se igualmente averiguar se em função da orientação sexual (homossexual e heterossexual) e do sexo dos sujeitos (masculino e feminino) vão existir diferenças nas dimensões da satisfação conjugal e nas dimensões da intimidade. Isto porque, no que diz respeito à orientação sexual não se encontrou estudos que tivessem analisado estas possíveis diferenças. No entanto, relativamente ao sexo dos sujeitos já foram elaborados alguns estudos, porém todos sem um consenso lógico entre si. Por exemplo, Narciso (1994/95), Ribeiro e Costa (2001/02) e Isabel e Sinuché (2006), afirmam que a satisfação conjugal é independente do sexo dos sujeitos. Contrariamente, outros estudos, referem que foram verificadas diferenças entre o sexo dos sujeitos relativamente à satisfação conjugal, mais propriamente, que as mulheres exibem um maior nível de satisfação conjugal comparativamente aos homens (Gottman, 2000 in Narciso & Ribeiro, 2002). No que diz respeito à intimidade, os estudos de Marlherbe (2001) e Merves-Okin, Amidon e Bernt (1991), indicam que existem igualmente diferenças significativas entre homens e mulheres. Por conseguinte, formula-se a **segunda hipótese**: em função da orientação sexual e do sexo dos sujeitos irão existir diferenças nas dimensões da satisfação conjugal (amor e funcionamento conjugal) e nas dimensões da intimidade (validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior).

O espaço que as mulheres foram conquistando aos homens, com o propósito de receber uma maior equidade profissional e relacional entre ambos, levou a que houvesse uma transformação da própria intimidade conjugal, aumentando a interdependência dos relacionamentos amorosos e, conseqüentemente, diminuindo a dependência. Esta transformação da equidade possibilita maiores níveis de intimidade, psicológica e sexual nas relações dos casais, assim como proporciona a existência de uma maior satisfação no seio nas relações para ambos os membros do casal (Narciso, 2002). Promove, também, uma maior autorrevelação e partilha um com o outro (Crespo et al., 2006). Só que esta visão de equidade não é valorizada por todos com a mesma intensidade, como nos mostra Larson et al. (1998) no seu estudo, em que visa verificar diferenças de género quanto à relação entre a perceção de equidade e intimidade, no qual constatou que para o sexo feminino a equidade é um aspeto fulcral para a intimidade conjugal, porém, para os homens tal facto não se verificou. Nas conjugalidades heterossexuais e homossexuais, a

principal diferença entre ambas é a dos papéis de género (“sex roles) no seio do relacionamento (Spitalnick & McNair, 2005). Segundo Cardell, Finn e Marecek (1981), nos relacionamentos heterossexuais existem uma maior predominância de estereótipos e de papéis tradicionais de género quando comparados com os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Por esta razão, na conjugalidade heterossexual há um maior relato relativamente aos papéis de género, contrariamente à conjugalidade homossexual que os relata de uma maneira mais indiferenciadas. Pessoas em relacionamentos homossexuais tendem a rejeitar papéis de género rígidos, valorizando a negociação de quais papéis adotar em torno do relacionamento. No seguimento desta ideia, formula-se a **terceira hipótese**: existem diferenças nas crenças dos papéis de género em função do sexo e da orientação sexual (heterossexuais, lésbicas, gays e bissexuais).

## Método

### Participantes

Tabela 1. Caracterização da amostra consoante o sexo e a orientação sexual

	N	%
Sexo		
Feminino	142	70,3%
Masculino	58	28,7%
Orientação Sexual		
Gay	31	15,3%
Lésbica	27	13,4%
Heterossexual	104	51,5%
Bissexual	40	19,8%

Como se verifica na Tabela 1, participaram neste estudo 202 sujeitos com idades compreendidas entre 18 e 67 anos. Em relação ao género dos participantes, 70,3% são do sexo feminino, 28,7% são do sexo masculino e 1% considerou não se enquadrar no género binário. Relativamente à orientação sexual, 51,5% da amostra são heterossexuais, 15,3% são sujeitos gays, 13,4% são mulheres lésbicas e 19,8% são bissexuais (Tabela 1).

Encontram-se numa relação amorosa 85,1% dos participantes, no entanto, 14,9% dos participantes não se encontram em relação amorosa, tendo respondido às questões com fundamento em relações passadas terminadas.

Tabela 2. Tipo de relacionamento amoroso

Tipo de relacionamento	N	%
Namoro	128	63,4%
Casamento	39	19,3%
União de facto	35	17,3%

No que diz respeito à configuração das relações amorosas, 63,4% dos participantes encontram-se num namoro, 19,3% em casamento e em união de facto 17,3% dos participantes (Tabela 2).

As relações variavam entre menos de 1 ano a mais de 10 anos, em que 51% dos participantes estão numa relação entre 1 a 5 anos, 16,3% entre 5 a 10 anos, 17,8% menos de 1 ano e 14,9% mais de 10 anos. A maior parte dos participantes tem filhos, nomeadamente, 85,6% tem filhos e 14,4% não tem filhos. À questão se coabitam com o parceiro, 55,9% não coabita com os seus parceiros e 44,1% coabita.

Tabela 3. Caracterização da quantidade de mulheres e homens homossexuais, heterossexuais e bissexuais

	<b>Orientação Sexual</b>					
	<b>Homossexual</b>		<b>Heterossexual</b>		<b>Bissexual</b>	
	<b>N</b>	<b>% do Total</b>	<b>N</b>	<b>% do Total</b>	<b>N</b>	<b>% do Total</b>
<b>Sexo</b>						
Mulheres	27	13,4%	85	42,1%	31	15,3%
Homens	31	15,3%	19	9,4%	9	4,5%

Na Tabela 3, apresenta-se a caracterização da quantidade de mulheres e homens heterossexuais, assim como a quantidade de mulheres lésbicas e homens gays. Uma vez que na amostra recolhida, surgiu um número considerável de sujeitos bissexuais, os mesmos serão tidos em conta na análise deste estudo. Desta forma, verifica-se um total de 27 mulheres lésbicas, sendo 13,4% do total da amostra e 31 homens gays (15,3%). As mulheres heterossexuais neste estudo são 85 (42,1%) e apenas 19 são homens heterossexuais (9,4%). Mulheres bissexuais apresentam-se com um total de 31 (15,3%) e homens bissexuais um total de 9, com uma percentagem de somente 4,5% da amostra.

## Instrumentos

### **Questionário sociodemográfico**

O questionário sociodemográfico construiu-se com o objetivo de recolher dados relativos às características de cada sujeito que se encontrasse ou já tivesse estado numa relação conjugal, assim como as características dessa mesma relação, tendo em consideração os objetivos centrais deste estudo. As variáveis utilizadas foram as seguintes: género, idade, orientação sexual (heterossexual ou homossexual), se atualmente se encontra numa relação, configuração da relação conjugal (namoro/casamento/união de facto), duração da relação conjugal, número de filhos e, se coabita ou não com o parceiro.

### **Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género**

A Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género (Gender Roles Belief Scale) foi adaptada por Brown e Gladstone (2012) e originalmente desenvolvida por Kerr e Holden (1996). É uma escala de tipo Linkert em que o número 1 é correspondente a “concordo fortemente”, o número 4 a “indeciso” e o número 7 a “discordo fortemente”. A escala ( $\alpha=0.63$ ) é composta por um total de 10 itens, que avaliam as crenças dos sujeitos em relação às atitudes, características e tarefas associadas tradicionalmente a cada um dos géneros (e.g: “O marido deve ser tido como o representante legal da família em todas as questões legais” ou “As mulheres devem preocupar-se com os seus deveres relacionados com os filhos e a casa em vez de com os deveres duma carreira profissional ou de negócios”). As pontuações totais da escala variam entre 10 e 70 valores.

Analisando as qualidades psicométricas da presente escala, tal como se verifica na Tabela 4, a escala total relativa à Crença nos Papéis de Género, apresenta um alpha de Cronbach de 0.63.

Tabela 4. Análise de Fidelidade da Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género

	Média	Desvio-Padrão	Alpha de Cronbach
<b>Crença nos Papéis de Género</b>	2.10	0.56	0.63

## **Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)**

A EASAVIC é um instrumento de autoavaliação da satisfação em áreas da vida conjugal e da satisfação conjugal global. A escala é composta por 44 itens, organizados em duas dimensões, amor e funcionamento conjugal, cada uma constituída por cinco áreas da vida conjugal (Narciso & Costa, 1996).

A dimensão Amor é definida como “sentimentos que cada um nutre pelo outro e/ou pela relação, com a presença de um modo mais ou menos explícito, atributos inerentes aos componentes essenciais do amor: paixão, intimidade e investimento/compromisso” (Sternberg & Barnes, 1988; cit. in Narciso & Costa, 1996). É constituída por cinco subdimensões: sentimentos e expressão de sentimentos (e.g: “A admiração que o meu cônjuge sente por mim”); sexualidade (e.g: “O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge”); intimidade emocional (e.g: “A partilha de interesses e atividades”); continuidade da relação (e.g: “Os nossos projetos para o futuro”); e características físicas e psicológicas (e.g: “A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos”). A dimensão Funcionamento Conjugal define-se como o “modo como se organizam e regulam as relações no seio conjugal e/ou familiar, e relações com sistemas extra-familiares” (Narciso & Costa, 1996), abrange as subdimensões: funções (e.g: “O modo como gerimos a nossa situação financeira”); tempos livres (e.g: “A quantidade dos tempos livres”); autonomia/privacidade (e.g: “A privacidade e autonomia do meu cônjuge”); comunicação e conflitos (e.g: “O modo como resolvemos os conflitos”); e relações extrafamiliares (e.g: “A nossa relação com a profissão do meu cônjuge”). A Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal organiza-se numa escala de Likert de 6 pontos, em que 1 significa “nada satisfeito/a”, 2 significa “pouco satisfeito/a”, 3 significa “razoavelmente satisfeito/a”, 4 “satisfeito/a”, 5 “muito satisfeito/a” e o número 6 significa “completamente satisfeito/a”.

No presente estudo, e como se pode verificar na Tabela 5, foram encontrados alfas de Cronbach de 0.97 na dimensão Amor e de 0.92 para a dimensão Funcionamento Conjugal. Deste modo, estas duas dimensões indicam ter boas consistências internas.

Tabela 5. Análise de Fidelidade das Dimensões do Instrumento EASAVIC

	Média	Desvio-Padrão	Alpha de Cronbach
<b>Amor</b>	4.27	0.68	0.97
<b>Funcionamento Conjugal</b>	4.12	0.68	0.92

### **Escala de Avaliação Pessoal de Intimidade em Relacionamentos (PAIR)**

A Escala de Avaliação Pessoal de Intimidade em Relacionamentos (Schaefer & Olson, 1981); adaptação portuguesa de Moreira, Amaral & Canavarro (2009) permite avaliar o grau de intimidade percebido em diferentes áreas. Esta escala é constituída por 35 itens apresentados numa escala de Likert de 1 a 5, mais especificamente: 1 significa “Discordo totalmente”; o 2 significa “Discordo”; o 3 significa “Nem concordo nem discordo”; o 4 significa “Concordo”; o 5 significa “Concordo Totalmente”. Na adaptação do PAIR à população portuguesa, a estrutura original do PAIR não foi replicada, obtendo-se uma estrutura constituída por três dimensões, sendo elas: validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior. A Validação Pessoal (e.g: “Sinto-me muitas vezes distante do(a) meu(minha) parceiro(a); “Sinto que é inútil discutir alguns assuntos com o(a) meu(minha) parceiro(a)”) relaciona-se com o sentimento de validação de opiniões e sentimentos e de aceitação por parte do parceiro em diversas áreas; com a partilha de interesses e de atividades; com a proximidade emocional sentida em relação ao companheiro e com a sexualidade. A Comunicação (e.g: “O(A) meu(minha) parceiro(a) ajuda-me a clarificar os meus pensamentos”; “Gostamos de nos divertir juntos”) tem que ver com a capacidade e possibilidade de expressão de opiniões sentimentos e desejos na relação. A Abertura ao Exterior (e.g: “Gostamos de passar tempo com outros casais”; “Passar tempo em conjunto com os amigos é uma parte importante das nossas atividades em casal”) diz respeito à abertura da díade conjugal aos outros, nomeadamente aos amigos e à partilha de amigos em comum.

Perante a análise das qualidades psicométricas relativamente a esta escala no presente estudo e como ilustrado na Tabela 6, constata-se que a dimensão Validação Pessoal apresentou um alfa de cronbach de 0.73, a dimensão Comunicação um alfa de cronbach de 0.72 e a dimensão Abertura ao Exterior um alfa de cronbach de 0.71.

Inicialmente, a dimensão Abertura ao Exterior apresentou um alfa de 0.21. Tendo em conta que o valor deste alfa é bastante baixo, optou-se por excluir o item 14 (“*Temos poucos amigos em comum*”), passando a dimensão a assumir um valor de alfa de 0.71.

Tabela 6. Análise de Fidelidade das Dimensões do Instrumento PAIR

	Média	Desvio-Padrão	Alpha de Cronbach
<b>Validação Pessoal</b>	2.16	0.53	0.73
<b>Comunicação</b>	4.06	0.55	0.72
<b>Abertura ao Exterior</b>	3.43	0.91	0.71

### Procedimento

Para a realização deste estudo, foram escolhidos participantes que preenchiam uma série de critérios determinados pelos objetivos da investigação, nomeadamente, estarem numa relação e que fossem homossexuais e heterossexuais. Para isso recorreu-se à partilha das escalas via e-mail e *online*.

Encontrar sujeitos heterossexuais foi, claramente, mais fácil e mais acessível do que sujeitos homossexuais. Por esta razão, e para ir ao encontro da população homossexual, contactou-se várias instituições que apoiam a comunidade LGBT por e-mail, ao que se obteve a colaboração da Associação Casa Qui, Associação Plano I, Associação ILGA, Opus Gay, Amplos e Caleidoscópio. Com a ajuda destas instituições ao partilharem o estudo nas suas redes sociais e até nas suas páginas da internet, conseguiu-se reunir um número significativo de participantes homossexuais e até bissexuais. Inicialmente, o objetivo deste estudo seria reunir uma amostra de heterossexuais e homossexuais, no entanto, na recolha de dados com sujeitos homossexuais e para não se restringir apenas à homossexualidade, acabaram por existir dados de orientação sexual bissexual, que tomamos em consideração nos resultados. Depois de recolhidos os resultados foram inseridos numa base dados para serem tratados.

A análise dos resultados dos questionários foi realizada com o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 26.

## Resultados

### Satisfação Conjugal e Intimidade do relacionamento

Com o objetivo de analisar a primeira hipótese deste estudo, no sentido de analisar o modo como as dimensões da intimidade do relacionamento estão correlacionadas com as diferentes dimensões da satisfação conjugal, tanto para sujeitos heterossexuais como homossexuais (gays e lésbicas), foi analisado o teste Correlação de *Pearson*.

De um modo geral, como se pode observar na Tabela 7, 8, 9 e 10, os resultados indicam que todas as dimensões da satisfação conjugal estão significativamente correlacionadas com as dimensões de intimidade, quer nos participantes heterossexuais, gays, lésbicas e bissexuais. É de notar que as correlações são todas positivas, à exceção das correlações entre a dimensão Amor e Funcionamento Conjugal (pertencentes à Satisfação Conjugal) e a dimensão Validação Pessoal (pertencente à Intimidade) (Amor:  $r = -0.535$  para heterossexuais,  $r = -0.728$  para gays,  $r = -0.688$  para lésbicas; Funcionamento Conjugal:  $r = -0.483$  para heterossexuais,  $r = -0.557$  para gays,  $r = -0.565$  para lésbicas) (Tabela 7).

Tabela 7. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nos Heterossexuais

	1	2	3	4	5
<b>1. Amor</b>	-				
<b>2. Funcionamento Conjugal</b>	0.858**	-			
<b>3. Validação Pessoal</b>	-0.535**	-0.483**	-		
<b>4. Comunicação</b>	0.828**	0.785**	-0.370**	-	
<b>5. Abertura ao Exterior</b>	0.510**	0.506**	-0.295**	0.431**	-

Nota: \*\* $p \leq 0.01$  (diferença estatisticamente significativa)

Quanto à intensidade da relação entre a Satisfação Conjugal (Amor e Funcionamento Conjugal) e a Intimidade (Validação Pessoal, Comunicação e Abertura ao Exterior) nos sujeitos heterossexuais observamos correlações na sua maioria moderadas, à exceção da associação entre ambas as dimensões de Amor e Funcionamento Conjugal e a dimensão Comunicação (respetivamente,  $r = 0.828$  e  $r = 0.785$ ) (Tabela 8).

Tabela 8. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nos Gays

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>1. Amor</b>	-				
<b>2. Funcionamento Conjugal</b>	0.810**	-			
<b>3. Validação Pessoal</b>	-0.728**	-0.557**	-		
<b>4. Comunicação</b>	0.907**	0.826**	-0.732**	-	
<b>5. Abertura ao Exterior</b>	0.436**	0.499**	-0.447*	0.523**	-

Nota: \*\* $p \leq 0.01$ , \* $p \leq 0.05$  (diferença estatisticamente significativa)

No grupo dos sujeitos gays, analisando a relação entre as dimensões da Satisfação Conjugal (Amor e Funcionamento Conjugal) e da Intimidade, é de notar a existência de uma correlação de intensidade forte entre a dimensão Amor e a dimensão Validação Pessoal (Amor:  $r = -0.728$ ), assim como entre a dimensão Comunicação e ambas as dimensões da Satisfação Conjugal (Amor:  $r = 0.907$ ; Funcionamento Conjugal:  $r = 0.826$ ), sendo as restantes correlações moderadas (Tabela 8).

Tabela 9. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nas Lésbicas

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>1. Amor</b>	-				
<b>2. Funcionamento Conjugal</b>	0.770**	-			
<b>3. Validação Pessoal</b>	-0.688**	-0.565**	-		
<b>4. Comunicação</b>	0.694**	0.718**	-0.433*	-	
<b>5. Abertura ao Exterior</b>	0.575**	0.567**	-0.570**	0.334	-

Nota: \*\* $p \leq 0.01$ , \* $p \leq 0.05$  (diferença estatisticamente significativa)

Por sua vez, no grupo das mulheres lésbicas, pode-se verificar uma correlação forte entre a dimensão Comunicação da Intimidade e dimensão Funcionamento Conjugal da Satisfação Conjugal ( $r = 0.718$ ). Salienta-se que as restantes correlações são todas moderadas (Tabela 9).

No que diz respeito aos participantes bissexuais, observaram-se apenas duas correlações moderadas, nomeadamente, entre a dimensão de Abertura para o Exterior, pertencente à Intimidade, e ambas as dimensões de Satisfação Conjugal (Amor:  $r = 0.407$ ;

Funcionamento Conjugal:  $r= 0.585$ ), sendo as restantes de associação de intensidade forte (Tabela 10).

Tabela 10. Matriz correlacional entre as dimensões da Satisfação Conjugal e as dimensões da Intimidade nos Bissexuais

	1	2	3	4	5
<b>1. Amor</b>	-				
<b>2. Funcionamento Conjugal</b>	0.863**	-			
<b>3. Validação Pessoal</b>	-0.701**	-0.747**	-		
<b>4. Comunicação</b>	0.873**	0.885**	-0.721**	-	
<b>5. Abertura ao Exterior</b>	0.407**	0.585**	-0.449**	0.455**	-

Nota: \*\* $p \leq 0.01$ , \* $p \leq 0.05$  (diferença estatisticamente significativa)

### Diferenças em função do Sexo e da Orientação Sexual

De seguida analisou-se a segunda hipótese em estudo, isto é, se em função da orientação sexual e do sexo dos sujeitos existiriam diferenças nas dimensões da Satisfação Conjugal (amor e funcionamento conjugal) e nas dimensões da Intimidade (validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior), recorrendo-se a análises de variância a dois fatores.

A análise de dados indica que não verificaram quaisquer efeitos sobre as dimensões referentes à Satisfação Conjugal e à Intimidade em função da interação entre as variáveis sexo e orientação sexual (Anexo E). Além disso, também não verificaram diferenças significativas entre sexos nestas mesmas dimensões (Anexo F).

Contudo, os resultados indicam alguns efeitos principais por parte da variável orientação sexual, observando-se diferenças significativas nas pontuações médias indicadas para as duas dimensões da satisfação conjugal (Amor e Funcionamento Conjugal) e uma diferença tendencialmente significativa para uma das dimensões da Intimidade (i.e.: Comunicação) em função da orientação sexual dos participantes (Tabela 11). Para a dimensão Amor (pertencente à satisfação conjugal) estas diferenças são significativas entre as participantes lésbicas ( $M=4.581$ ) e os participantes gays ( $M=4.103$ ) e bissexuais ( $M=4.123$ ), indicando que as lésbicas reportam maiores níveis de satisfação a este nível do que os gays e os sujeitos bissexuais (Tabela 11).

Tabela 11. Diferenças significativas na Satisfação Conjugal e Intimidade em função da orientação sexual dos participantes (Efeito principal da Orientação Sexual)

		<b>Média</b>	<b>Post-hoc (p de Tukey)</b>
<b>Amor</b>	Lésbica	4.581	Lésbica – Gay
	Heterossexual	4.290	( $p=0.038$ )
	Bissexual	4.123	Lésbica – Bissexual
	Gay	4.103	( $p=0.035$ )
		<b>F(3;196)=2.820; <math>p=0.040</math></b>	
<b>Funcionamento Conjugal</b>	Lésbica	4.407	
	Heterossexual	4.144	Lésbica – Bissexual
	Gay	4.012	( $p=0.031$ )
	Bissexual	3.944	
		<b>F(3;196)=2.838; <math>p=0.039</math></b>	
<b>Comunicação</b>	Lésbica	4.319	Lésbica – Heterossexual
	Gay	4.109	( $p=0.087$ )
	Heterossexual	4.039	Lésbica – Bissexual
	Bissexual	3.993	( $p=0.082$ )
		<b>F(3;196)=2.119; <math>p=0.099</math></b>	

Por sua vez, para a dimensão Funcionamento Conjugal (igualmente pertencente à satisfação conjugal), as lésbicas reportam níveis médios significativamente maiores do que os sujeitos bissexuais ( $M_{lésbicas}=4.407 > M_{bissexual}=3.944$ ), sendo que as restantes diferenças entre grupos não foram significativas (Tabela 11). Por último, para a dimensão Comunicação (pertencente à intimidade) as diferenças são tendencialmente significativas entre as participantes lésbicas ( $M=4.319$ ) e os participantes heterossexuais ( $M=4.109$ ), assim como bissexuais ( $M=3.993$ ), verificando-se que as lésbicas reportam maiores níveis de satisfação a este nível do que os hetero e bissexuais (Tabela 11).

### **Papéis de Género, Sexo e Orientação Sexual**

Por último, tentamos compreender se existiram diferenças ao nível dos papéis de género em função do sexo e da orientação sexual dos participantes (Hipótese 3), procedendo-se novamente a uma análise de variância a dois fatores.

Tal como é possível verificar na Tabela 12, os resultados indicam a existência de dois efeitos principais tanto por parte da variável sexo como da variável orientação sexual. Embora não se verifique qualquer efeito sobre as crenças nos papéis de género em função da interação entre as mesmas (Anexo G).

Deste modo, observam-se diferenças significativas ao nível das crenças nos papéis de género em função do sexo dos participantes, sendo as pontuações médias obtidas pelos sujeitos do sexo masculino ( $M=2.256$ ) significativamente mais elevadas que as pontuações médias obtidas pelas participantes do sexo feminino ( $M=2.025$ ) (Tabela 12). Tal indica que, em média, os homens estão mais em desacordo com as atitudes, tarefas e características associadas tradicionalmente a cada um dos géneros, quando comparados com as mulheres, apesar de ambas as médias se situarem no ponto da Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género correspondente ao “Discordo”.

Tabela 12. Diferenças nas crenças nos papéis de género em função do sexo (Efeito principal do Sexo) e da orientação sexual dos participantes (Efeito principal da Orientação Sexual)

		<b>Média</b>
	Feminino	2.025
	Masculino	2.256
<b>Crenças nos Papéis</b>	<b>F(1;158)=5.156; p=0.025</b>	
<b>de Género</b>	Heterossexual	2.323
	Homossexual	1.958
	<b>F(1;158)=12.829; p≤0.001</b>	

Além disso, observa-se ainda diferenças significativas ao nível das crenças nos papéis de género em função da orientação sexual dos participantes, o que significa que o nível médio de concordância face as atitudes, tarefas e características associadas tradicionalmente a cada um dos géneros é significativamente mais baixo em indivíduos homossexuais em comparação com indivíduos heterossexuais ( $M_{\text{homossexual}}=1.958 < M_{\text{heterossexual}}=2.323$ ) (Tabela 12).

## **Discussão**

De um modo geral, os resultados anteriormente revelados indicam que entre satisfação conjugal e intimidade existe uma complementaridade que demonstra ser fundamental nos relacionamentos amorosos de todos os indivíduos, independentemente da sua orientação sexual. A sociedade acredita que os sujeitos heterossexuais são muito mais satisfeitos ou íntimos no seio da sua relação conjugal, o que não se verifica neste estudo. Aliás, as lésbicas são mais satisfeitas com a dinâmica dos seus relacionamentos.

As crenças nos papéis de género modificam-se, igualmente, em torno de se ser heterossexual, gay ou lésbica, homem ou mulher. Os heterossexuais continuam a dar maior ênfase e a seguir os papéis de género tradicionais, em que o homem é visto como uma figura de poder e autoridade e a mulher como uma figura de afeto e de submissão. No entanto, estes factos têm vindo a alterar-se, sobretudo neste estudo, em que a maioria dos sujeitos não apresentam elevadas crenças nos papéis de género. Mais surpreendentes, são os resultados provindos do sexo masculino, que apresentaram níveis ainda mais elevados de desacordo relativamente à crença nos papéis entre homens e mulheres do que o sexo feminino.

### **1. Relação entre Satisfação Conjugal e Intimidade**

Como sugerem os autores Larson, Hammond e Harper (1998), se não existir intimidade no seio conjugal, não será possível a criação de laços de confiança na relação, e por isso, a mesma não será bem-sucedida de modo que, não será possível viver num relacionamento amoroso de forma plenamente satisfeita. No entanto, na primeira hipótese deste estudo verificou-se em todos os grupos, contrariamente ao que acontece nas restantes dimensões, uma correlação negativa entre a validação pessoal (dimensão da intimidade) e o amor e o funcionamento conjugal (ambas dimensões da satisfação conjugal), isto é, quando uma aumenta a outra diminui. Portanto, quando existe um grande nível de validação pessoal, que tem que ver com a aceitação de sentimentos e opiniões, com a proximidade emocional e com a sexualidade por parte do parceiro, os níveis de amor (i.e: sentimentos que cada um nutre pelo outro) ou de funcionamento conjugal (i.e: organização e dinâmica das relações no seio conjugal) serão mais baixos. Uma possível explicação para esta constatação poderá ser que, os casais modernos não sentem a necessidade de expressarem ou vivenciarem um

sentimento amoroso profundo pelo seu cônjuge nem mesmo o relacionamento funcionar de forma extremamente harmoniosa para que exista partilha de interesses e a aceitação, assim como uma proximidade emocional entre um e outro. Segundo Rostosky & Riggle (2017), os indivíduos homossexuais relatam como importante o uso de comportamentos como o passar tempo juntos e o envolverem-se em discussões acerca do seu relacionamento de forma a manterem as suas relações amorosas satisfatórias. Já os casais heterossexuais, consideram fundamental gestos como dar/receber presentes, dar apoio emocional e o uso do humor no seio dos seus relacionamentos amorosos (Haas & Stafford, 2005).

Ainda na primeira hipótese pode constatar-se que a dimensão comunicação é a que apresenta uma maior correlação com as dimensões da satisfação conjugal, em todos os grupos. Existem vários estudos que indicam que a comunicação exerce uma enorme influência na satisfação com a relação para os casais (Julien et al., 2003). Isto acontece porque a comunicação tem duas fundamentais funções nos relacionamentos amorosos: permitir expressar sentimentos de amor, seja físico como psicologicamente, e permitir a resolução de dificuldades inerentes à partilha de uma vida a dois (Larson, Anderson, Holman & Niemann, 1998). De acordo com os autores Litzinger e Gordon (2005), a comunicação por ser um fator que tem influência na qualidade e na satisfação dos relacionamentos amorosos, desempenha assim um papel crucial na manutenção das relações, ao que por essa razão, os casais que não estão satisfeitos no seio conjugal, admitem a falta de ferramentas para que se comuniquem de forma eficaz, e isso resultará numa insatisfação do relacionamento por parte destes indivíduos.

## **2. Diferenças na Satisfação Conjugal e Intimidade em função do sexo e orientação sexual**

Na segunda hipótese, ao analisar se os níveis de satisfação conjugal e de intimidade diferem em função do sexo ou da orientação sexual dos sujeitos, os resultados deste estudo sugerem que as diferenças se acentuam na orientação sexual, maioritariamente, nas lésbicas. Essas diferenças estão presentes nas duas dimensões da satisfação conjugal (amor e funcionamento conjugal) e em apenas uma dimensão da intimidade, a comunicação. Os resultados aqui descritos vão de encontro ao estudo longitudinal de Kurdek (2008), que mostrou que os maiores níveis de satisfação no

relacionamento foram relatados por mulheres lésbicas, comparativamente, a casais gays e heterossexuais. O mesmo autor teoriza que as lésbicas experimentam maior satisfação nos seus relacionamentos porque apresentam elevados níveis de expressividade que estão ligados às relações de satisfação. Outros estudos no campo da intimidade, demonstraram que as mulheres parceiras do mesmo sexo consideram as suas relações como significativamente mais íntimas comparativamente aos outros tipos de casais. As mulheres lésbicas comparadas aos homens gays, por exemplo, foram mais propensas em relatar que a intimidade psicológica, que só é possível quando existe uma forte comunicação, é aquilo que mais caracteriza os seus relacionamentos ((Mackey, Diemer, & O'Brien, 2000).

No que concerne ao sexo dos sujeitos, não se verificaram diferenças significativas nas dimensões da satisfação conjugal nem nas dimensões da intimidade. Assim, estes dados vão de encontro aos trabalhos de Ribeiro & Costa (2001/2002) e Isabel & Sinuché (2006), onde referem não existirem diferenças na satisfação conjugal ao nível do sexo. No entanto, este resultado tem sido algo controverso na linha de pesquisa, isto porque, na meta-análise de Jackson, Miller, Oka e Henry (2014), os resultados indicaram que as mulheres relatam menos satisfação conjugal em comparação aos homens. No estudo de Rostami, Ghazinour, Nygren e Richter (2014), também se verificou que a satisfação conjugal se apresenta mais baixa para as mulheres do que para os homens.

Relativamente à intimidade, não se verificando igualmente diferenças significativas entre homens e mulheres, este estudo não vai ao encontro dos estudos de Merves-Okin, Amidon & Bernt (1991) e de Marlherbe (2001), que indicam haver diferenças ao nível do sexo.

### **3. Diferenças na Crença nos Papeis de Género consoante o sexo e a orientação sexual**

Apesar de homens e mulheres, neste estudo, demonstrarem não acreditar nos papéis de género tradicionais no seio conjugal, os homens foram os que apresentaram maiores níveis de desacordo relativamente à crença nos papéis de género, isto pode ocorrer por, de facto, o pensamento do homem ter-se modificado no sentido em que o mesmo acredita que a mulher possa desempenhar alguns dos

papéis ou tarefas que o homem normalmente desempenha e vice-versa.

No entanto, por apresentarem baixas crenças não significa que não possam comportar-se de forma tradicionalista no seio da relação amorosa. Isto porque, existe um estudo de 2018 que afirma que há diferenças entre aquilo que as pessoas acreditam ou pensam e a forma como realmente agem na prática. Esta questão tem que ver com a ideia de habitus de Bourdieu (1977), no qual afirma que as práticas são colocadas como forma de produzir um senso comum que irá sustentá-las. Assim como refere França (2000), que os casais heterossexuais contemporâneos desempenham papéis de género muito próximos dos tradicionais, apesar das suas aspirações igualitárias.

Num estudo realizado por Calixto (2018) sobre papéis de género, os participantes entre os 20 e os 30 anos deram as respostas mais igualitárias relativamente aos papéis desenvolvidos por homens e mulheres. Esta poderá ser uma possível explicação, porque no presente estudo estamos perante um maior nível de baixas crenças advindas dos homens, que se apresentam maioritariamente na mesma faixa etária. É de notar que indivíduos que fazem parte de famílias mais modernas e pluralistas têm crenças mais igualitárias no que toca aos papéis de género (Calixto, 2018), devendo-se à mudança que tem existido em torno das famílias, em que estas podem ser de variadas formas e feitios, podendo ser caracterizadas só por uma mãe, só por um pai, duas mães ou dois pais, entre outros e isso faz com que não exista um grande predomínio do papel da mulher (mãe) ou do papel do homem (pai) e altere as visões e crenças que os filhos retiram do funcionamento das relações amorosas/familiares.

Como seria esperado, os heterossexuais demonstram ter maiores crenças nos papéis de género comparativamente aos homossexuais. Tal facto poderá acontecer porque os sujeitos homossexuais nos seus relacionamentos não conseguem reproduzir facilmente e de maneira natural a divisão tradicional entre os papéis feminino e masculino, por não possuírem modelos nos quais se sustentarem, pois, os únicos que tiveram ao longo da sua vida foram de relacionamentos amorosos entre homens e mulheres. Neste sentido, é de notar também a existência de uma maior socialização para o desempenho dos papéis de género nas relações conjugais heterossexuais e uma atenuação para os relacionamentos homossexuais (Kurdek, 2001). Os indivíduos em relacionamentos homossexuais não assumem papéis “femininos” e “masculinos” (Carrington, 1999), e por isso, relativamente aos papéis

de género, os homossexuais especializam-se em determinadas tarefas em prol da eficiência e ainda da justiça da distribuição baseada nos interesses e competências do parceiro (Patterson, 2000).

### **Considerações finais e Limitações**

Vários estudos encontrados que abordam a satisfação conjugal e a intimidade recaem, sobretudo na heterossexualidade, existindo poucos estudos que se debrucem sobre a conjugalidade homossexualidade. Ainda menos o que tentam perceber como a satisfação conjugal, a intimidade e a crença nos papéis de género se comportam em função do sexo ou da orientação sexual dos indivíduos no seio conjugal.

O objetivo do estudo centrou-se na relação entre a satisfação conjugal e a intimidade nas relações amorosas heterossexuais e homossexuais, tentando obter uma análise comparativa entre estas duas orientações sexuais no seio conjugal. Posteriormente, o objetivo seria também compreender qual o impacto que as crenças nos papéis de género teriam nas conjugalidades heterossexuais e homossexuais, mais especificamente, na satisfação e na intimidade dessas relações amorosas, para cada um dos grupos. No entanto, não se verificou qualquer correlação entre as três variáveis, o que impediu a constatação de qualquer impacto dos papéis de género sobre a satisfação conjugal e a intimidade.

Uma das limitações do estudo tem que ver com o facto da amostra ser pouco heterogénea relativamente à concordância com as crenças nos papéis de género, existindo poucos participantes em acordo com as mesmas. Este aspeto poderá ter influenciado os resultados, não permitindo verificar a influência/impacto das crenças nos papéis de género na satisfação conjugal e na intimidade nos diferentes grupos. Outra limitação pode estar relacionada com o facto da maioria dos participantes ser do sexo feminino, o que poderá também ter repercussões nos presentes resultados, uma vez que, normalmente, as mulheres diferem nos dados em relação aos homens.

Este estudo mostrou-se importante no sentido de considerar as várias conjugalidades existentes e demonstrar que qualquer uma delas possui as mesmas condições, sejam relacionamentos amorosos constituídos por um homem e uma mulher, por duas mulheres ou por dois homens, desmistificando as ideias que, muitas vezes, são criadas em volta das diferenças entre heterossexuais e homossexuais. O estudo

comprovou, ainda que com algumas limitações, que um relacionamento amoroso (heterossexual ou homossexual) para ser plenamente satisfeito, é necessário existir boa comunicação, assim como um positivo funcionamento conjugal e partilha de sentimentos entre os cônjuges. Nesta perspectiva, considero que este estudo seja uma mais valia para os profissionais que trabalham diretamente ou indiretamente com esta população, no estudo da heterossexualidade e homossexualidade, assim como para a sociedade em geral, trazendo uma certa consciencialização das particularidades ou condicionantes de cada tipo de conjugalidade.

## Referências

- Alves, P. (2015). Identidade de gênero e orientação sexual na adolescência natureza, determinantes e perturbações. *Revista Eletrônica de Educação e Psicologia*, 2, 45-61.
- Amorim, A., & Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 19(3), 179-188
- Andrade, A., Garcia, A. & Cano, D. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (3), 143-156.
- Balsam, K. F., Beauchaine, T. P., Rothblum, E. D., & Solomon, S. E. (2008). Three-year follow-up of same-sex couples who had civil unions in Vermont, same-sex couples not in civil unions, and heterosexual married couples. *Developmental Psychology*, 44, 102–116. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.44.1.102>
- Bejar, H (1989) Individualismo, privacidad e intimidad: precisiones y andaduras. En C. Castilla de Pino, *De la Intimidad*, 33-57. Barcelona: Grijalbo
- Burquette, Liliana (1998) Modelo triangular del amor y Satisfaccion Marital Tesis inedita de Licenciatura en Psicologia. Universidad de las Americas, Puebla.
- Caldwell, M. A., & Peplau, L. A. (1984). The balance of power in lesbian relationships. *Sex roles*, 10, 587-600.
- Calixto, R. S. (2018). *Caracterização de opiniões e práticas de adultos uberlandenses sobre a divisão de papéis de gênero na família*. Dissertação em Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Carvalho, C. (1999). Identidade e intimidade: um percurso histórico dos conceitos psicológicos. *Análise Psicológica*, 4(17), pp. 727-741.
- Carrington, C. (1999). *No Place Like Home. Relationships and Family Life Among Lesbians and Gay Men*. Chicago, The University of Chicago Press.
- Comin, F. S. & Santos M. A. (2010). Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 26: 525-531
- Connolly, C. M., & Sicola, M. K. (2005). Listening to lesbian couples. *Journal of GLBT Family Studies*, 1, 143-167. [http://dx.doi.org/10.1300/J461v01n02\\_09](http://dx.doi.org/10.1300/J461v01n02_09)

- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Asa Editores.
- Costa, A.B., & Nardi, H.C. (2015). Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual. *Trends in Psychology/Temas em Psicologia*, 23 (3), 715-726.
- Crespo, C., Narciso, I., Ribeiro, M., & Costa, M. (2006). Desenvolvimento da Escala de Dimensões da intimidade: primeiro estudo empirico. *Psychologica*, 41, 45-63.
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in social behavior: A social-role interpretation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Eldridge, N. S., & Gilbert, L. A. (1990). Correlates of relationship satisfaction in lesbian couples. *Psychology of Women Quarterly*, 14, 43–62. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-6402.1990.tb00004.x>
- Felmlee, D. H. (1994). Who's on top? Power in romantic relationships. *Sex Roles*, 31 (5/6), 275-336.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Formiga, N. S. & Camino, L. (2001). A dimensão do inventário de papéis sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários. *Revista Estudos de Psicologia*, 18 (2), 41-49.
- França, M. R. C. (2004). Terapia com casais do mesmo sexo. *Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama*, 2, 149-180. São Paulo. Ágora.
- Garbin, A. S, Cenci, C. M. B. & Luz, S. K. (2015). Dinheiro e Conjugalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(1): 72-78. DOI: <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027>
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Heller, P. E., & Wood, B. (1998). The process of understanding intimacy: Similarity, understanding, and gender. *Journal of Marital and Family Therapy*, 24(3), 273-288

- Hendrick, S. S., Hendrick, C. & Adker, N. L. (1988). Romantic relationships: Love, satisfaction and staying together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 980-988. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.980>
- Jackson, J. B., Miller, R. B., Oka, M., & Henry, R. G. (2014). Gender differences in marital satisfaction: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 76, 105-129.
- Kurdek, L. A. (1998). Relationship outcomes and their predictors: Longitudinal evidence from heterosexual married, gay cohabiting, and lesbian cohabiting couples. *Journal of Marriage and Family*, 60, 553–568. <http://dx.doi.org/10.2307/353528>
- Kurdek, L. A. (2003). Differences between gay and lesbian cohabiting couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20, 411-436. <http://dx.doi.org/10.1177/02654075030204001>
- Kurdek, L. A. (2005). What do we know about gay and lesbian couples? Current Directions in *Psychological Science*, 14, 251–254. <http://dx.doi.org/10.1111/j.0963-7214.2005.00375.x>
- Kurdek, L. A. (2007). The allocation of household labor by partners in gay and lesbian couples. *Journal of Family Issues*, 28, 132–148. <http://dx.doi.org/10.1177/0192513X06292019>
- Laurenceau, J-P; Barrett, L. F. & Pietromonaco, P. R. (1998). Intimacy as an Interpersonal Process: The Importance of Self-Disclosure, Partner Disclosure, and Perceived Partner Responsiveness in Interpersonal Exchanges. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5), 1238-1251.
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (1999). Intimacy, passion, and commitment in young romantic relationships: Successfully measuring the Triangular Theory of Love. *Psychological Reports*, 85, 497-503. doi:10.2466/pr0.1999.85.2.497
- Lopes, M. (2010). Homens como outros quaisquer: subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na Argentina. Tese de Doutorado: Universidade de Brasília, Brasília.
- Luz, R.R. & Gonçalves, H. S. (2018). A análise de discurso em uma pesquisa sobre conjugalidades homossexuais. *Revista de Psicologia*, 30 (2), 250-261. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5552>

- MacDonald, B. (1998). Issues in therapy with gay and lesbian couples. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 24, 165–190. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00926239808404931>
- Machado, L. M. (2007). Satisfação e insatisfação no casamento: Os dois lados de uma mesma moeda? Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Mackey, R. A., Diemer, M. A. & O'Brien, B. A. (2004). Relational factors in understanding satisfaction in the lasting relationships of same sex and heterosexual couples. *Journal of Homosexuality*, 47, 111-136. [http://dx.doi.org/10.1300/J082v47n01\\_07](http://dx.doi.org/10.1300/J082v47n01_07)
- Maquirriain, J (1988) Intimidad humana y análisis transaccional Madrid: Narcea.
- Mello, L. (2005). Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond.
- Narciso, I. (2001). Conjugalidades Satisfeitas mas Não Perfeitas – À Procura do Padrão Que Liga. Dissertação de Doutorado em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Texto policopiado.
- Narciso, I. (1994/1995). Metamorfoses do Amor e da Satisfação Conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 129-139.
- Narciso, I., & Costa, M. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. (2009). Olhares sobre a conjugalidade. Lisboa: Coisas de ler.
- Narciso, I., & Costa, M. (2001/2002). Percursos de Mudança na Qualidade Conjugal Fragmentos de um Estudo sobre Conjugalidade Satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 181-195.
- Norgren, M.; Souza, R.; Kaslow, F.; Hammerschmidt, H. e Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9, 575-584.
- Olson, D. H., & Stewart, K. L. (1991). Family systems and health behaviors. In H. E. Schroeder, (Org.), *New directions in health psychology assessment*, 27-64.

- Patterson, C. J. (2000). Family relationships of lesbians and gay men. *Journal of Marriage and Family*, 62, 1052-1069.
- Peplau, L. A., & Spalding, L. R. (2000). The close relationships of lesbians, gay men, and bisexuals. In C. Hendrick & S. S. Hendrick (Eds.), *Close relationships: A sourcebook*, 110–123. <http://dx.doi.org/10.4135/9781452220437.n9>
- Perlin, G. D. B. (2006). Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Pérez, I. G. A. & Estrada, S. C. (2006). Intimidad y comunicación en cuatro etapas de la vida de pareja: su relación con la satisfacción marital. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología*, 2(12), 133-163.
- Perlman, D., & Fehr, B. (1987). The development of intimate relationships. In D. Perlman & S.W. Duck (Eds.), *Intimate relationships: Development, dynamics and deterioration*, 13-42.
- Poeschl, G. & Silva, A. (2001). Efeito das crenças nas diferenças entre sexos na percepção e no julgamento das práticas familiares. *Psicologia*, XV (1), 93-113.
- Reis, H. T., & Patrick, B. C. (1996). Attachment and intimacy: Component processes. In E. T. Higgins & A. W. Kruglanski (Eds.), *Social psychology: Handbook of basic principles*, 523-563.
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. *Handbook of personal relationships*, 367- 389.
- Roisman, G. I., Clausell, E., Holland, A., Fortuna, K., & Elieff, C. (2008). Adult romantic relationships as cotexts of human development: A multimethod comparison of same-sex couples with opposite-sex dating, engaged and married dyads. *Developmental Psychology*, 44, 91-101. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.44.1.91>
- Rostami, A., Ghazinour, M., Nygren, L., & Ritcher, J. (2014). Marital satisfaction with a special focus on gender differences in medical staff in tehran, Iran. *Journal of Family Issues*, 35(14) 1940-1958.
- Sampaio, D. (2012). Labirinto de Mágoas: As crises do casamento e como enfrentá-las. Editorial Caminho.

- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. (2012). Ajustamento Diádico e Conjugalidade: Avaliação do Bem-Estar no Casamento. *Journal of Human Growth and Development*, 22(3): 367-372 DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.46708>
- Schaefer, M., & Olson, D. (1981). Assessing intimacy: The PAIR inventory. *Journal of Marriage and Family Therapy*, 7(1), 47-60.
- Spitalnick, J. S., & McNair, L. D. (2005). Couples therapy with gay and lesbian clients: An analysis of important clinical issues. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 31, 43–56. DOI: 10.1080/00926230590475260
- Sternberg, R. J. (1989). *El triangulo del amor: Intimidad, pasión y compromiso*. Barcelona, Spain: Paidós.
- Thornton, A., & Young-DeMarco, L. (2001). Four decades of trends in attitudes toward family issues in the United States: The 1960s through the 1990s. *Journal of Marriage and Family*, 63, 1009–1037. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.01009.x>
- Warner, M. (1991). Introduction: Fear of a Queer Planet. *Social Text*, 29, 3-17.

# **ANEXOS**

## Anexo A – Questionário Sócio-demográfico

De seguida, peço-lhe que responda a alguns dados pessoais:

**Sexo:**

Feminino

Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Orientação Sexual:**

Heterossexual

Homossexual

Outro

**Atualmente está numa relação?**

Sim

Não

**Caso não esteja numa relação amorosa, há quanto tempo terminou a sua última relação?**

\_\_\_\_\_

Nesse caso, para responder às questões que se seguem pense nessa relação.

**Qual a configuração dessa relação?**

Namoro

Casamento

União de facto

**Há quanto tempo está/esteve nessa relação?**

Menos de 1 ano

Entre 1 a 5 anos

Entre 5 a 10 anos

Mais de 10 anos

**Existem filhos dessa relação?**

Sim

Não

**Coabita com o/a seu/sua parceiro/a?**

Sim

Não

## Anexo B – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

### (EASAVIC)

(Narciso & Costa, 1996)

<b>Na sua relação como se sente:</b>	1. Nada satisfeito	2. Pouco satisfeito	3. Satisfeito	4. Muito satisfeito	5. Totalmente satisfeito
1. Quanto ao modo como passamos os nossos tempos livres.					
2. Quanto à quantidade de tempos livres.					
3. Quanto ao modo como nos relacionamos com os amigos.					
4. Quanto ao modo como nos relacionamos com a família do(a) meu(minha) parceiro(a).					
5. Quanto ao modo como nos relacionamos com a minha família.					
6. Quanto à minha privacidade.					
7. Quanto à minha autonomia.					
8. Quanto à privacidade do(a) meu(minha) parceiro(a).					
9. Quanto à autonomia do(a) meu(minha) parceiro(a).					
10. Quanto ao modo como o(a) meu(minha) parceiro(a) lida com a minha profissão.					
11. Quanto ao modo como eu lido com a profissão do(a) meu(minha) parceiro(a).					
12. Quanto à frequência com que conversamos.					
13. Quanto ao modo como conversamos.					
14. Quanto aos assuntos sobre os quais conversamos.					
15. Quanto à frequências dos conflitos que temos.					
16. Quanto ao modo como resolvemos os conflitos.					
17. Quanto ao que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					

18. Quanto ao que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente por mim.					
19. Quanto ao modo como expresso o que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					
20. Quanto ao modo como o(a) meu(minha) parceiro(a) expressa o que sente por mim.					
21. Quanto ao desejo sexual que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					
22. Quanto ao desejo sexual que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente por mim.					
23. Quanto à frequência que temos relações sexuais.					
24. Quanto ao prazer que sinto quando temos relações sexuais.					
25. Quanto ao prazer que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente quando temos relações sexuais.					
26. Quanto à qualidade das nossas relações sexuais.					
27. Quanto ao apoio emocional que dou ao(à) meu(minha) parceiro(a).					
28. Quanto ao apoio emocional que o(a) meu(minha) parceiro(a) me dá.					
29. Quanto à confiança que tenho no(na) meu(minha) parceiro(a).					
30. Quanto à confiança que o(a) meu(minha) parceiro(a) tem por mim.					
31. Quanto à admiração que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					
32. Quanto à admiração que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente por mim.					
33. Quanto à partilha de interesses e atividades que temos em conjunto.					
34. Quanto à atenção que dedico aos interesses do(a) meu(minha) parceiro(a).					
35. Quanto à atenção que o(a) meu(minha) parceiro(a) dedica aos meus interesses.					

36. Quanto aos nossos projetos para o futuro.					
37. Quanto às minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação.					
38. Quanto às expectativas do(a) meu(minha) parceiro(a) quanto ao futuro da nossa relação.					
39. Quanto ao aspeto físico do(a) meu(minha) parceiro(a).					
40. Quanto à opinião que o(a) meu(minha) parceiro(a) tem sobre o meu aspeto físico.					
41. Quanto às características do(a) meu(minha) parceiro(a).					
42. Quanto aos hábitos do(a) meu(minha) parceiro(a).					
43. Quanto à opinião que o(a) meu(minha) parceiro(a) tem sobre as minhas características.					
44. Quanto à opinião que o(a) meu(minha) parceiro(a) tem sobre os meus hábitos.					

## Anexo C - Escala de Avaliação Pessoal de Intimidade em Relacionamentos (PAIR)

(Schaefer & Olson, 1981; traduzido e adaptado para a população portuguesa por: Moreira & Canavarro, 2007)

<b>Na minha relação:</b>	1.Discordo Totalmente	2.Discordo	3.Não concordo nem discordo	4.Concordo	5.Concordo Totalmente
1. O(A) meu(minha) parceiro(a) escuta-me quando preciso de falar com alguém.					
2. Gostamos de passar tempo com outros casais.					
3. Estou satisfeito(a) com o nosso relacionamento físico.					
4. O(A) meu(minha) parceiro(a) ajuda-me a clarificar os meus pensamentos.					
5. Gostamos das mesmas atividades de lazer.					
6. O(A) meu(minha) parceiro(a) tem todas as qualidades que sempre desejei num(a) companheiro(a).					
7. Posso falar dos meus sentimentos sem que ele(a) se torne defensivo(a).					
8. Normalmente isolamo-nos dos outros.					
9. Sinto que o nosso relacionamento é apenas uma rotina.					
10. Quando se trata de ter uma conversa séria, parece que temos pouco em comum.					
11. Partilho poucos os interesses do(a) meu(minha) parceiro(a).					
12. Existem momentos em que não sinto amor e afeto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					

13. Sinto-me muitas vezes distante do(a) meu(minha) parceiro(a).					
14. Temos poucos amigos em comum.					
15. Sou capaz de dizer ao(à) meu(minha) parceiro(a) quando pretendo ter relações sexuais.					
16. Sinto-me humilhado(a)“ deitado(a) abaixo” quando eu e o(a) meu(minha) parceiro(a) temos uma conversa séria.					
17. Gostamos de nos divertir juntos.					
18. Todas as coisas novas que aprendi sobre o(a) meu(minha) parceiro(a) agradaram-me.					
19. O(A) meu(minha) parceiro(a) consegue realmente compreender as minhas tristezas e alegrias.					
20. Passar tempo em conjunto com os amigos é uma parte importante das nossas atividades em comum.					
21. Contenho o meu interesse sexual porque o(a) meu(minha) parceiro(a) me faz sentir desconfortável.					
22. Sinto que é inútil discutir alguns assuntos com o(a) meu(minha) parceiro(a).					
23. Gostamos de realizar juntos atividades ao ar livre.					
24. Eu e o(a) meu(minha) parceiro(a) compreendemo-nos um ao outro.					
25. Por vezes, sinto que não sou importante para o(a) meu(minha) parceiro(a).					
26. Muitos dos amigos mais próximos do(a) meu(minha)					

parceiro(a) são também os meus amigos mais próximos.					
27. O(A) meu(minha) parceiro(a) tenta frequentemente mudar as minhas ideias.					
28. Raramente temos tempo para fazermos coisas divertidas juntos.					
29. Penso que possivelmente ninguém pode ser mais feliz do que eu e o(a) meu(minha) parceiro(a) quando estamos juntos.					
30. Por vezes sinto-me sozinho(a) quando estamos juntos.					
31. O(A) meu(minha) parceiro(a) desaprova alguns dos meus amigos.					
32. O(A) meu(minha) parceiro(a) parece não ter interesse pelo relacionamento físico.					
33. Temos inúmeros assuntos sobre os quais conversar.					
34. Sinto que partilhamos alguns interesses em comum.					
35. Tenho algumas necessidades que não são preenchidas pela minha relação.					

## Anexo D - Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género

(Brown & Gladstone, 2012)

	Discordo Totalmente	Discordo	Mais ou menos discordo	Nem concordo nem discordo	Mais ou menos concordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. O marido deve ser tido como representante legal da família em todas as questões legais.							
2. As mulheres devem preocupar-se com os seus deveres relacionados com os filhos e a casa em vez de com os seus deveres numa carreira profissional ou de negócios.							
3. É ridículo uma mulher conduzir um comboio ou um homem costurar							
4. As mulheres deviam ter tanta liberdade sexual como os homens.							
5. Mulheres que têm filhos não devem trabalhar fora de casa se não tiverem de o fazer por razões monetárias.							
6. É falta de respeito dizer uma asneira à frente de uma senhora.							
7. É mais repulsivo uma mulher dizer asneiras ou obscenidades do que um homem.							

<p>8. Exceto talvez em circunstâncias muito especiais, um homem nunca deve permitir que seja a mulher a pagar o táxi, a comprar bilhetes ou pagar a conta.</p>							
<p>9. A iniciativa para o namoro deve vir geralmente do homem.</p>							
<p>10. Os homens devem continuar a ter atitudes cavalheirescas para as mulheres como segurar a porta aberta ou ajudando-as com os seus casacos.</p>							

**Anexo E – Outputs dos efeitos de interação do género e orientação sexual na  
Satisfação Conjugal e Intimidade**

Variável dependente: Amor

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	4,503 <sup>a</sup>	5	,901	1,980	,083
Intercepto	2453,014	1	2453,014	5391,639	,000
Género	,002	1	,002	,003	,954
OrientaçãoSexual_4CAT	3,849	3	1,283	2,820	,040
Género * OrientaçãoSexual_4CAT	,096	1	,096	,211	,646
Erro	89,173	196	,455		
Total	3771,807	202			
Total corrigido	93,677	201			

Variável dependente: Funcionamento

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	4,075 <sup>a</sup>	5	,815	1,801	,114
Intercepto	2289,060	1	2289,060	5057,256	,000
Género	,024	1	,024	,053	,819
OrientaçãoSexual_4CAT	3,853	3	1,284	2,838	,039
Género * OrientaçãoSexual_4CAT	,095	1	,095	,209	,648
Erro	88,715	196	,453		
Total	3520,672	202			
Total corrigido	92,791	201			

Variável dependente: Validação

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	2,763 <sup>a</sup>	5	,553	1,986	,082
Intercepto	651,589	1	651,589	2341,868	,000
Gênero	,316	1	,316	1,134	,288
OrientaçãoSexual_4CAT	1,044	3	,348	1,251	,293
Gênero * OrientaçãoSexual_4CAT	,001	1	,001	,002	,961
Erro	54,534	196	,278		
Total	1003,306	202			
Total corrigido	57,297	201			

Variável dependente: Comunicação

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	2,281 <sup>a</sup>	5	,456	1,520	,185
Intercepto	2239,524	1	2239,524	7461,939	,000
Género	,020	1	,020	,067	,795
OrientaçãoSexual_4CAT	1,908	3	,636	2,119	,099
Género * OrientaçãoSexual_4CAT	,197	1	,197	,658	,418
Erro	58,825	196	,300		
Total	3397,130	202			
Total corrigido	61,106	201			

Variável dependente: AberturaExterior

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	6,072 <sup>a</sup>	5	1,214	1,494	,193
Intercepto	1640,457	1	1640,457	2018,331	,000
Género	,019	1	,019	,023	,879
OrientaçãoSexual_4CAT	4,389	3	1,463	1,800	,149
Género * OrientaçãoSexual_4CAT	,187	1	,187	,230	,632
Erro	159,305	196	,813		
Total	2544,563	202			
Total corrigido	165,377	201			

## Anexo F – Outputs dos efeitos principais ao nível do género na Satisfação Conjugal e Intimidade

Variável dependente: Amor

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	4,503 <sup>a</sup>	5	,901	1,980	,083
Intercepto	2453,014	1	2453,014	5391,639	,000
Género	,002	1	,002	,003	,954
OrientaçãoSexual_4CAT	3,849	3	1,283	2,820	,040
Género * OrientaçãoSexual_4CAT	,096	1	,096	,211	,646
Erro	89,173	196	,455		
Total	3771,807	202			
Total corrigido	93,677	201			

Variável dependente: Funcionamento

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	4,075 <sup>a</sup>	5	,815	1,801	,114
Intercepto	2289,060	1	2289,060	5057,256	,000
Género	,024	1	,024	,053	,819
OrientaçãoSexual_4CAT	3,853	3	1,284	2,838	,039
Género * OrientaçãoSexual_4CAT	,095	1	,095	,209	,648
Erro	88,715	196	,453		
Total	3520,672	202			
Total corrigido	92,791	201			

Variável dependente: Validação

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	2,763 <sup>a</sup>	5	,553	1,986	,082
Intercepto	651,589	1	651,589	2341,868	,000
Género	,316	1	,316	1,134	,288
OrientaçãoSexual_4CAT	1,044	3	,348	1,251	,293
Género * OrientaçãoSexual_4CAT	,001	1	,001	,002	,961
Erro	54,534	196	,278		
Total	1003,306	202			
Total corrigido	57,297	201			

Variável dependente: Comunicação

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	2,281 <sup>a</sup>	5	,456	1,520	,185
Intercepto	2239,524	1	2239,524	7461,939	,000
Gênero	,020	1	,020	,067	,795
OrientaçãoSexual_4CAT	1,908	3	,636	2,119	,099
Gênero * OrientaçãoSexual_4CAT	,197	1	,197	,658	,418
Erro	58,825	196	,300		
Total	3397,130	202			
Total corrigido	61,106	201			

Variável dependente: AberturaExterior

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	6,072 <sup>a</sup>	5	1,214	1,494	,193
Intercepto	1640,457	1	1640,457	2018,331	,000
Gênero	,019	1	,019	,023	,879
OrientaçãoSexual_4CAT	4,389	3	1,463	1,800	,149
Gênero * OrientaçãoSexual_4CAT	,187	1	,187	,230	,632
Erro	159,305	196	,813		
Total	2544,563	202			
Total corrigido	165,377	201			

### Anexo G – Output do efeito de interação entre gênero e orientação sexual na Crença dos Papéis de Gênero

Variável dependente: PapéisGênero

Origem	Tipo III Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Modelo corrigido	4,938 <sup>a</sup>	3	1,646	5,282	,002
Intercepto	548,294	1	548,294	1759,489	,000
Gênero	1,607	1	1,607	5,156	,025
OrientaçãoSexual_2CAT	3,998	1	3,998	12,829	,000
Gênero * OrientaçãoSexual_2CAT	,065	1	,065	,208	,649
Erro	49,236	158	,312		
Total	808,620	162			
Total corrigido	54,175	161			